ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

JUVENTUDE, CIDADANIA E PRÁTICAS CULTURAIS: DIFERENTES MÉTODOS DE PESQUISA PARA O MUNDO JUVENIL

MENDES, Ana Paula Maciel Soukef [1]
LEITE, Weslley Dalcol[2]
DÄHNE, Caroline Loise[3]
JOVINO, Ione da Silva[4]
COUTO, Ligia Paula[5]

RESUMO – O presente trabalho aborda os métodos de pesquisa utilizados para o desenvolvimento do projeto de extensão 'Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais', da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil, integrante do programa 'Universidade Sem Fronteiras/SETI' e subprograma "Diálogos Culturais". O projeto tem como objetivo discutir educação e cultura com jovens de regiões periféricas da cidade de Ponta Grossa, além de colaborar para a integração dos mesmos com a realidade do centro urbano, enfatizando o acesso destes jovens a diferentes bens culturais e integrando-os com o cenário universitário. É importante destacar que a iniciativa trabalha com uma metodologia própria de pesquisa, constituída a partir das demandas do universo juvenil. O projeto se desenvolve a partir da integração de três diferentes eixos metodológicos, que incluem a organização e promoção de atividades culturais, a realização de oficinas culturais e educativas e a produção de um vídeo-documentário. Estes métodos de pesquisa são constituídos a partir das demandas expressas pelos jovens, em contato com o grupo de pesquisadores. São procedimentos entendidos como forma de positivar as ações e vivências dos participantes, valorizando seus anseios e visões de mundo, e dando importância e representatividade ao grupo. Ainda em fase inicial, o 'Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais' procura, acima de tudo, o empoderamento dos jovens envolvidos, para que estes possam exercer sua cidadania e sentir-se integrantes de um importante universo, marcado por uma série de desejos, experiências, escolhas e peculiaridades.

PALAVRAS CHAVE – diálogos culturais, metodologia e jovens

Introdução

Pesquisar o mundo juvenil é adentrar em um universo complexo e multifacetado, a começar pela indefinição sobre o que é ser jovem. No artigo "Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais", os autores Helena Virgínia de Freitas e Oscar Dávila León refletem sobre as relações e indefinições existentes entre os termos adolescência e juventude. Para eles, o uso destes termos ora se superpõem, ora constituem campos distintos. A definição de juventude pode ser feita a partir de diferentes pontos de partida, seja como faixa etária, período da vida, contingente populacional, categoria social ou geração. Todas, porém, se referem a uma fase entre a infância e a maturidade.

[1] Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), anapaulasoukef@terra.com.br
[2] Acadêmico do curso de Comunicação Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), weslleydl@gmail.com
[3] Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), carol.dahne@yahoo.com.br
[4] Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e coordenadora do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", ionejovino@terra.com.br
[5] Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e coordenadora do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", ligiapaula@yahoo.com

De acordo com os autores, a concepção sociológica clássica marca o fim da juventude a partir de cinco dimensões: terminar os estudos, sair da casa dos pais e tornar-se responsável por uma moradia, casar e ter filhos. Porém essas condições devem ser relativizadas e não bastam para caracterizar este estágio da vida. Há de se levar em conta a coexistência de características tanto da fase adulta como da infância no período da juventude. Há uma tendência, a partir de critérios estabelecidos pelas Nações Unidas, de considerar a juventude como a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos. Mas, como defende o artigo, isto pode variar muito, de acordo com cada jovem e em cada país. O preparo psicológico, as peculiaridades do mundo juvenil, as relações sociais e outras especificidades devem ser levadas em conta nesta definição. A questão etária é muito restrita quando se vai a fundo no significado do que é ser jovem, como evidenciam os autores:

> Um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como tampouco os setores marginalizados e as classes de altos ingressos econômicos. Por esta razão, não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os sectores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico (ABRAMO;LEÓN, 2005, p. 13).

Para além da indefinição etária, o mundo juvenil também se mostra complexo e multifacetado quando se busca compreender as características deste universo. Em seu artigo “O jovem como sujeito social”, Juarez Tarcisio Dayrell mostra que existe uma série de formas de interpretar este período da vida. Segundo o autor, uma das concepções mais arraigadas no imaginário social é a de que a juventude pode ser vista em sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é entendido como alguém que ainda não chegou a ser, e suas ações no presente são apenas uma preparação para a maturidade. Para Dayrell, esta é uma visão extremamente simplista e marcada por negatividade. Outra óptica tradicional para se entender a juventude é a idéia de uma fase de liberdade, prazer e comportamentos exóticos, caracterizando-se como uma visão romântica desta etapa da vida. Esta concepção traz a idéia de hedonismo e irresponsabilidade. Neste contexto, também há outras tendências, como a que percebe o jovem reduzido ao campo da cultura ou como um momento de crise, dominada por conflitos internos e problemas familiares.

Fugindo das concepções clássicas e rígidas, Dayrell defende que a juventude deve ser vista a partir da diversidade. De modo algum a juventude se reduz a uma simples passagem para a vida adulta. Esta fase assume uma importância enquanto fase real. Tendo isto em vista, o autor defende que ao invés de ‘juventude’, devemos falar em ‘juventudes’. Uma época marcada por transformações concretas e peculiaridades.

> [...] entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona [...] É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL , 2003, p. 24)

É neste sentido que o autor defende o jovem como um sujeito social, marcado por uma historicidade, portador de desejos e movido por desejos, com determinada origem familiar, com relações sociais e que ocupa um lugar social específico. Visto assim, o jovem em contato com o pesquisador torna-se não apenas um objeto de observação, mas um agente de interação, capaz de refletir sobre sua própria existência e assumir-se como protagonista de uma história.

Partindo destas leituras e compreendendo o universo juvenil em toda sua diversidade, o projeto de extensão ‘Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais’ procura reinterpretar as metodologias clássicas de pesquisa e adequá-las ao universo pesquisado, respeitando as peculiaridades e demandas dos jovens participantes. Para isto a pesquisa possui três eixos centrais de atuação.

O primeiro deles é a realização de atividades culturais com os jovens integrantes. As atividades são uma forma de aproximar o universo do pesquisador e o universo do jovem, além de oferecer acesso à cultura e educação. Estes encontros também são uma forma dos jovens conhecerem a si mesmos e a outros jovens, identificando suas próprias diferenças e semelhanças. De forma mais abrangente, as atividades culturais também ajudam a aproximar pessoas de regiões

periféricas à realidade do centro urbano, mostrando o que este pode oferecer e como, de certa forma, pode se tornar acessível ao jovem.

Outro eixo metodológico da pesquisa é a promoção de oficinas culturais e educativas. As oficinas servem como forma de trazer reflexões sobre diferentes temas e são intercaladas por sessões de diálogos, com objetivo de expandir as discussões. Tanto uma quanto a outra são mediadas pela equipe do projeto e por convidados especialistas. Os temas abordados nas oficinas são diversos, estabelecidos a partir dos interesses dos jovens. Alguns aspectos centrais das discussões são: as relações de gênero e étnico-raciais, orientação sexual, escolha profissional entre outros.

O terceiro procedimento metodológico previsto pelo projeto é a produção de um vídeo-documentário, com participação direta da equipe de pesquisadores e dos próprios jovens. Através de uma oficina de cinema, com especialistas da área, os jovens poderão obter conhecimentos que os capacitam para tal produção. A proposta é fazer com que os próprios jovens atuem diretamente na produção, tornando-os autores de tal produto. Além de ser uma forma positiva suas ações e vivências lentificando a representatividade social deste grupo, o documentário é aqui entendido também como uma forma de intervenção social e empoderamento. Nessa produção, os jovens terão a oportunidade de registrar suas visões de mundo, suas demandas e a experiência/vivência dentro do projeto.

É importante destacar, como defendem alguns teóricos da área do cinema, que o documentário, enquanto produção audiovisual sujeita a edição, não representa com fidelidade a realidade, conquanto seja um meio capaz de dar a conhecer diferentes formas de pensar e agir dos grupos e de revelar aspectos que compõem o cotidiano e as experiências de vida dos participantes.

No Brasil, assim como em diversos outros países, o cinema documentário nasceu pelo fascínio de registrar com fidelidade alguns eventos: festas, desfiles, cortejos etc. Porém, principalmente no século XX, teóricos da área do cinema começaram a contestar esta visão de que o documentário possa ser um espelho da realidade. Hoje, esta produção é compreendida através de uma linguagem e estética diferenciados, capaz de dar a conhecer uma multiplicidade de olhares, rompendo com a tradição do significado único e real.

Um dos maiores expoentes do documentarismo nacional é Eduardo Coutinho, que pode ser considerado referência para este projeto, na medida em que se recusa a criar tipos sociais e valoriza a diversidade e peculiaridade de cada personagem. Em suas produções, ele deixa evidente que o documentário intervém e altera a realidade, e que o entrevistado não é apenas um objeto do documentário, e sim um sujeito possuidor de voz e atuante no processo de construção. Ao invés de um olhar de fora para dentro, o documentarista procura inserir-se no ambiente e mostrar que os participantes também são autores de tal produção.

Outra referência cinematográfica para este projeto é a produção “O Prisioneiro da Grade de Ferro”, de Paulo Sacramento. Lançado em 2003, o documentário foi produzido a partir de uma oficina de vídeo e som feita com aproximadamente 20 detentos do Carandiru. A oficina durou sete meses e os temas escolhidos para o documentário foram sugeridos e filmados, na maior parte das vezes, pelos próprios detentos. Neste documentário, vários aspectos da vida dos presos são apresentados. O filme trabalha em uma lógica não-linear, mostrando o dia-a-dia dos detentos a partir de vários elementos. Nesta produção são os próprios detentos que constroem olhares sobre si mesmos, e talvez por isso seja o documentário que mais se aproxima deste projeto.

Objetivos

A partir destes três eixos metodológicos o objetivo do projeto, de maneira geral, é auxiliar os jovens participante no acesso à cultura e educação e fazer com que se sintam autores de um discurso, promovendo o empoderamento do grupo e respeitando suas diversidades, histórias de vida, vivências, visões de mundo, anseios e particularidades. De forma mais específica, o objetivo do trabalho é promover a integração entre pesquisadores e o mundo investigado e entre os próprios jovens participantes, além de garantir a estes contato efetivo com a realidade do centro urbano e com a Universidade, mostrando que esta realidade pode ser acessível.

Metodologia

Inicialmente será realizado contato com distintos grupos culturais juvenis de regiões periféricas de Ponta Grossa. O objetivo inicial é ouvi-los para que se discutam as formas de abordagem e sugestões temáticas. Os contatos com diferentes grupos também possibilitarão resultar

em parcerias que contribuam para a seleção dos jovens integrantes e para a realização das oficinas e sessões de diálogos.

Serão selecionados, no máximo, sessenta jovens – a partir de quinze anos - para participarem do projeto. Os critérios de seleção e inscrição serão definidos após os diálogos com os diferentes grupos.

Na fase inicial do projeto também se buscam parcerias institucionais para a realização de oficinas e sessões diálogos.

Após essa primeira fase será aplicado questionário investigativo a todos os participantes. O questionário será analisado e discutido para que sejam assimiladas as sugestões e possíveis adequações para serem aplicadas durante as atividades.

No primeiro eixo metodológico, haverá realização de apresentações culturais distintas. Serão apresentações dos jovens integrantes do projeto ou convidados por eles.

No segundo eixo, serão realizadas oito oficinas temáticas com duração de quatro horas. Poderá ser realizado um número maior de oficinas, de acordo com o interesse dos jovens.

Após cada oficina, há sessão de diálogo. O objetivo dessa atividade é promover o debate do tema tratado, além de promover a interação de diferentes percepções dos jovens. Cada discussão terá cerca de duas horas.

Após essas atividades será reaplicado o questionário investigativo.

Já o terceiro eixo metodológico propõe a produção de material audiovisual pelos jovens. A realização será feita por registros dos próprios jovens selecionados. Os bolsistas integrantes do projeto irão orientar na utilização das ferramentas necessárias para a produção, como no manuseio da câmera de vídeo e auxílio nos programas de edição, por exemplo.

Na fase final será avaliado projeto, através dos relatórios e *feedback* dos participantes.

Resultados

Como o projeto ainda está em sua fase inicial, temos a expectativa de que a partir da realização de oito oficinas temáticas e oito sessões de diálogos, os jovens possam produzir um vídeo-documentário acerca de sua vivência e impressões adquiridas ao longo do projeto.

Outro aspecto visado é possibilitar a esses jovens uma aproximação com a universidade e com o centro sócio-econômico e cultural da cidade ao qual estão segregados devido a periferização. Esperamos que com esse respaldo, os jovens envolvidos possam multiplicar o conhecimento adquirido para suas comunidades.

Também buscaremos promover a divulgação das produções culturais dos grupos juvenis da periferia da cidade, bem como a interação entre diferentes grupos culturais.

Além dos benefícios que buscaremos possibilitar a esses jovens, os graduandos envolvidos no projeto terão a oportunidade de produzir materiais para a atuação nos estágios e pesquisas de iniciação científica ou trabalhos de conclusão de curso.

Conclusões

Pelo fato de o projeto ainda estar na fase inicial priorizamos a apresentação de sua metodologia que é construída conforme as carências e demandas apresentadas pelos jovens envolvidos. Esperamos que o projeto de extensão “Periferia de Ponta a Ponta” forneça a possibilidade de proporcionar aos jovens selecionados o apoio necessário para que eles se tornem multiplicadores das experiências e conhecimentos adquiridos, identificando-se assim, como sujeitos ativos de sua sociedade.

Referências

ABRAMOWICZ, A. Prefácio. In: BARBOSA, J. (org). Autores Cidadãos. A sala de aula numa perspectiva multirreferencial. São Carlos: Editora da Ufscar, 2000.

BERNARDET, J. C. Cineastas e imagens do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAYRELL, J.T. *O jovem como sujeito social.* Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 10/09/2004.

FREITAS, M. V. (org.). Juventude e adolescência no Brasil: referência conceituais. Disponível em: <http://nsae.acaoeducativa.org.br/portal/components/com_booklibrary/ebooks/caderno%20JUV%20final.pdf>. Acesso em 23/05/2009.

JOVINO, I. S. Escola: as minas e os manos têm a palavra. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2005.

LINS, C. O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: TEIXEIRA, F. E.(org). Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004. p.179-198.

MONTE-MÓR, P. Tendências do documentário etnográfico. In: TEIXEIRA, F. E.(org). Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004. p.97-116.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2. ed., 2007.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.